

Economia - Brasil

Malan já tem dúvida sobre superávit primário

Ministro reafirma, porém, que atingir essa meta é essencial para evitar o aumento da dívida pública

DENISE NEUMANN

O governo não está mais seguro de que encerrará as contas públicas de 1998 com superávit primário. Em novembro, quando montou o pacote de 51 medidas de ajuste fiscal, a equipe econômica projetou um ganho de R\$ 20 bilhões e estimou encerrar este ano com receitas superiores às despesas no conceito primário, que exclui gastos com juros da dívida. Ontem, o ministro da Fazenda, Pedro Malan, não reafirmou a meta de superávit durante entrevista coletiva. Sobre a manutenção da meta de superávit diante da expectativa de aumento nos gastos da Previdência Social, o ministro apenas disse que o governo "continua achando que o superávit primário é condição essencial para que não ocorra crescimento da dívida pública" e, por isso, "é necessário o superávit primário". Ele previu, ontem, que o déficit da Previdência (considerando apenas INSS) vai chegar a R\$ 6 bilhões

este ano, representando um aumento de 100% ante 1997.

Para o ministro da Fazenda, o aumento do déficit público foi provocado pela Previdência Social. Segundo ele, as contas do governo sem a Previdência mostram superávit. Malan informou que o Tesouro encerrou o primeiro bimestre de 1997 com um déficit primário de R\$ 554 milhões. No mesmo período deste ano, houve superávit de R\$ 862 milhões.

Nesse período, observou, o INSS saiu de um superávit de R\$ 150 milhões em 1997 para um déficit de R\$ 500 milhões este ano. Malan previu que o déficit da Previdência vai dobrar este ano. Em 1996, a arrecadação da Previdência foi superior ao valor dos benefícios pagos em R\$ 1 bilhão ante saldo negativo de R\$ 3 bilhões no ano passado.

AGENDA DA VENDA DE ESTATAIS SERÁ MANTIDA

"Para 98 podemos esperar um déficit de R\$ 6 bilhões", disse o ministro, acrescentando que, se forem somados os gastos com o custeio da máquina e com assistência social, o déficit total do sistema subirá

para US\$ 10 bilhões este ano.

O ministro admitiu que o Comitê de Política Monetária (Copom) levará em conta, na próxima reunião, a decisão do banco central norte-americano (Fed) sobre a taxa de juros dos Estados Unidos. A reunião do Fed será dia 19, um dia antes da brasileira. "Nossas decisões são tomadas considerando fatores internos e externos." Malan não espera uma alta forte na taxa de juros americana. "Este não é um problema que nos angustia."

O ministro ainda reafirmou a manutenção do cronograma de privatizações. Segundo ele, o presidente do BNDES, André Lara Resende, ao falar de um eventual atraso na venda de empresas estatais fez referência a "alguns dias, ou algumas semanas" e não a um atraso efetivo no programa.



Malan, sobre as taxas de juros: "Nossas decisões são tomadas considerando fatores internos e externos"

Edmar Pessina/AF